

PORTUGAL
SÉCULO XX

50

ROSTOS PARA
UMA IDENTIDADE



alfredo marceneiro

SERIGRAFIA LEONEL MOURA
TEXTO LUÍS CÍLIA

fado revolucionário

A primeira vez que ouvi um disco do Alfredo Marceneiro foi em Paris, nos anos sessenta. E, como ainda hoje sucede, fiquei extasiado com a profundidade e veracidade de tal canto. Imediatamente, a voz de Marceneiro passou a fazer parte dos meus eleitos, ao lado de Atahualpa Yupanqui, Violeta Parra, Brassens, Ferré e dos grandes cantores de blues.

Confesso que não sou um entendido em questões de Fado e portanto apenas posso expressar o que sinto, sem qualquer pretensão teórica. Porém, ao ouvir Marceneiro, e pela forma muito peculiar que ele tinha de frasear, é possível, se nos abstrairmos da língua, compará-lo aos grandes cantores que fizeram a história dos blues.

Ainda em França, antes e depois de 1974, tentei transmitir o meu entusiasmo a outros músicos amigos. E pelo menos dois ficaram, como eu, seus admiradores: o Paco Ibañez e o Leo Ferré.

De uma forma casual, o Alfredo Marceneiro ficou ainda ligado a dois episódios da minha vida.

O primeiro ocorreu logo a seguir ao 25 de Abril de 74, quando desembarquei (a 28) numa Lisboa que fervilhava de entusiasmo e onde começava, ao mesmo tempo, a germinar um sectarismo revanchista que tinha muito a ver com o obscurantismo do passado e

que, embora surgisse mascarado de revolucionário, nada tinha a ver com o que se passava a nível popular. Uma das facetas desse revanchismo foi o ataque ao Fado, conotando-o com o fascismo. A 29 de Abril de 1974, dei uma entrevista ao Mário Contumélias, para a revista "Cinéfilo", onde afirmei que considerava o Alfredo Marceneiro um cantor revolucionário. Embora na altura a afirmação tivesse algo de provocatório, a verdade é que ela não podia ser mais acertada. Ainda hoje penso que, no seu sentido mais profundo, o da transformação do homem no que ele pode ter de melhor, que é a sua sensibilidade, o Marceneiro representa, com a sua arte, o que de mais genuíno existe na cultura portuguesa.

É escusado dizer que, na altura, essa afirmação me trouxe alguns dissabores políticos — de que muito me orgulho.

O outro episódio, de que não pude confirmar o rigor histórico, é o seguinte: num disco meu ("Marginal", de 1981), gravei uma canção intitulada "Romance de Lulu do Intendente". Mais tarde, um amigo meu garantiu-me que, na sua juventude, o Alfredo Marceneiro era conhecido por... "Lulu do Intendente". Não posso, como disse, garantir a veracidade do facto. Mas, a ser verdade... que alegria!

**músico, cantor e compositor*



Luis Cília*

PÚBLICO

Alfredo Rodrigo Duarte nasce a 25 de Fevereiro de 1891, filho de Gertrudes da Conceição e de Rodrigo Duarte, mestre de corte de calçado, ambos naturais do Cadaval. Em 1905, aos 13 anos, Alfredo vê-se obrigado a abandonar os estudos, devido à morte prematura do pai, e arranja emprego como aprendiz de encadernador. Mas o ofício deixa-lhe pouco tempo para o seu sonho: ser actor e entrar, como tal, nas cegadas carnavalescas que tanto o atraem. Por isso, um dia, o jovem Alfredo troca a profissão de encadernador pela de aprendiz de marceneiro, a conselho de Júlio Janota, mestre neste último ofício e também fadista. É desta escolha que lhe ficará o nome para a história do fado: Alfredo Marceneiro. As 17 anos, Alfredo

estrea-se numa cegada como "travesti" (nessa altura, as cegadas eram interditas a mulheres). As 20 anos, começa a ser conhecido nos meios fadistas. Andava sempre vestido a preceito e é desse hábito que lhe vem a alcunha de "Lulu" — o que, à época, era o mesmo que "janota". Esta informação consta do livro fotobiográfico "Recordar Alfredo Marceneiro", escrito pelo seu neto Vítor Duarte (fadista, como o avô) e editado em 1995 por "Sistema J". Do mesmo livro, o mais completo trabalho sobre a vida e obra deste mestre do fado, constam ainda outras histórias ou revelações, como a de ter sido ele o responsável por, a partir de determinada altura, os fadistas terem começado a cantar à média-luz. A par das deambulações fa-

distas, a que dedica os muitos anos da sua vida, Alfredo Marceneiro tem ainda participações fugazes no teatro (na opereta "História do Fado", com Beatriz Costa e Vasco Santana) e no cinema (no filme "Feitiço do Império", de António Lopes Ribeiro). Mas é pelo fado, de que se tornou figura maior, que recebe inúmeras homenagens em vida. Apesar de ter sido difícil convencê-lo a gravar (Marceneiro via nos discos uma ameaça à autenticidade do fado), ficaram para a história diversos registos fonográficos do seu estilo inimitável. Casado desde cedo, com 5 filhos, 7 netos, 11 bisnetos e 2 trinnetos, Alfredo Marceneiro morre a 26 de Julho de 1982, aos 91 anos, na mesma cidade que o vira nascer.